

RECADO DE PARIS

PARIS, julho — Uma leitura nem sempre cacete: o diário da Câmara dos Comuns. No meio de uma grave discussão, a semana passada, o sr. Stafford Cripps contou que outro dia Churchill lhe disse: "Ofereço-lhe uma garrafa de champanha, se você bebê-la, eu me converto ao socialismo". Um deputado conservador perguntou se o orador tinha ficado muito emocionado com a proposta, mas quando o orador ia dizer alguma coisa o presidente da sessão observou gravemente:

— Sinto muito, mas acabo de ler a emenda em discussão e ela não contém qualquer alusão aos fatos que estão sendo discutidos neste momento...

* * *

Os jornais de Londres saúdam com alegria o primeiro discurso de Mr. Cedric Drewe, deputado conservador por Honilton, que desde 1943 está na Câmara sem abrir o bico. Terça-feira passada, alguém, durante um discurso, fez alusão a porcos. Mr. Drewe ficou imediatamente em grande agitação, e o "speaker" viu com surpresa que, pela primeira vez em sete anos, ele fazia um gesto pedindo a palavra. Mr. Drewe ergueu-se e falou durante quarenta minutos com muita precisão e certa eloquência. Mr. Drewe é presidente da "Associação dos pequenos criadores de porcos".

* * *

"Cherwell", uma revista dos estudantes de Oxford, fez 30 anos. Ganhou para seu número de aniversário uma grande fotografia inédita de Oscar Wilde e uma carta também inédita de Walter Pater dirigida a Wilde, discutindo a sua obra. Quem deu foi o advogado Vyvyan Holland, que certamente tem muitas outras coisas igualmente interessantes: ele é filho de Oscar Wilde.

* * *

Catu o Gabinete Bidault — e não vamos discutir aqui. "The Observer", um dos melhores semanários de Londres, faz seu "necrológio" com certa simpatia. "Mr. Georges Bidault é o tipo do francês que os estrangeiros, especialmente os ingleses, não acham fácil compreender. "Diz que é um homem de meia idade, "com um aroma de cigarro fumado em sua volta", um intelectual de conversa brilhante e costumes boêmios que "entrou para o Exército mal foi declarada a guerra e quando preciso é capaz de enfrentar os mais terríveis perigos com sangue frio". Lembra que ninguém conhecia aquele homenzinho vestido com desleixo e de ar tímido que apareceu ao lado do general De Gaulle logo após a libertação de Paris. Em uma conferência internacional, ele dava a impressão de um homem "que por baixo da mesa está cravando as unhas nas palmas da mão e mexendo com os dedos dentro do sapato". Até seu casamento em 1945 com a brilhante Suzanne Borel, uma das grandes figuras da Resistência, Bidault vivia como um "solteirão distraído, indiferente às roupas que usava, à comida que comia ou à casa em que dormia aquela noite". Colaborador de um jornal católico, ele atacava não somente Hitler e Mussolini como também Franco, e defendia a tese de que os católicos deviam dar uma "chance" à Frente Popular de Blum. Fez a última guerra como sargento de infantaria; foi preso pelos alemães em 1940; sóto em 1941, começou a lutar na Resistência, e quando a Gestapo prendeu e matou o heróico Jean Moulin ele assumiu a presidência do Conselho Nacional da Resistência. "The Observer" diz que ele é um homem de conversa encantadora, nervosa e impulsiva. "Durante vários anos tentou ser um mediador entre os Estados Unidos e a Rússia; quando viu que era impossível, dirigiu sua política no sentido da mais estreita cooperação com os Estados Unidos". E afinal: "Quer os franceses confirmem ou não, nas próximas eleições gerais, a falada decadência do M. R. P., Bidault, com a promessa de uma longa carreira em sua frente, já ganhou um lugar permanente na história de seu país".

8/7/50

R. B.